

A ESCOLA ENQUANTO MECANISMO DE CONTROLE DO LOCAL SOCIAL DOS SUJEITOS: UMA LEITURA A PARTIR DE FRANTZ FANON

Leonardo H. B. Monteiro

RESUMO: O objetivo deste artigo é trazer elementos para uma reflexão sobre a maneira pela qual a instituição escolar opera em uma sociedade ocidentalizada com bases sociais que foram e são racializadas assimetricamente. Neste artigo tento através da construção de três momentos ilustrativos, que servem como representação à problemática a ser abordada, construir uma imagem sobre o objeto de discussão proposto. Como recorte analítico será utilizada a forma de tratamentos diferentes com base na tez da pele, produzidas entre professor e aluno. Este trabalho pretende apontar como a prática institucional de uma escola, além de não ser neutra, funciona como aparato de poder para tentar delimitar o papel social a ser desempenhado por atores sociais negros e atores sociais brancos no futuro. O grande norte teórico deste paper é Frantz Fanon.

Palavras-chave: Sociologia das Relações Raciais; Processos de Racialização; Instituição Escolar

Introdução

Uma forte afirmação de Fanon sugere o caráter da temática que será abordada: “Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco.” (FANON 2008, p. 28). Desde criança, o negro é ensinado a docilizar seu corpo para tentar se positivar na frente do branco⁷⁰. A partir deste constructo, pretendo argumentar como a docilização do corpo e uma submissão à disciplina escolar não fará o negro ser considerado como um concorrente igual de um branco. Mesmo um corpo docilizado⁷¹, ao ser negro, será considerado hierarquicamente inferior a um corpo branco. Ao serem, mesmo de maneira irrefletida, calculadas e projetadas quais funções profissionais deverão ser realizadas e se haverá um acesso a um novo patamar dos estudos⁷². Deste modo encaro esta problemática como

⁷⁰ Como exemplo, utilizo um trecho da canção A Vida É Desafio “Desde cedo a mãe da gente fala assim: / ‘Filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor.’” A passagem destaca um eu-lírico que fora ensinado por sua mãe que sua epiderme fará com que ele tenha que sempre se provar ‘duas vezes melhor’, o objeto deste se provar será sempre o outro, o branco. Como será trabalhado de modo breve a partir de Fanon (2008) e sua discussão com as teorias do reconhecimento neste artigo. Ver: Racionais MC’s. Nada Como Um Dia Após o Outro Dia (2002).

⁷¹ Cito a definição de Foucault sobre o que seria um corpo dócil: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT 1987, p. 126)

⁷² Por continuação com os estudos me refiro ao acesso ao ensino superior e o “status” auferido pelos seus integrantes, principalmente quando estes saem de escolas públicas. Veremos, na continuação deste trabalho, que professores irrefletidamente, talvez, filtram as maiores possibilidades de acesso ao ensino superior conforme mais clara for a tez do aluno.



engrenagem de uma estrutura socialraciada de maneira assimétrica que constrói e reproduz distinções a partir de fenótipos e de estereótipos vinculados a estes.

Para deixar claro o que pretendo dizer quando me refiro a uma estrutura racializada assimetricamente, discutirei brevemente ideias de Aníbal Quijano. Para o começo da discussão, o cito:

A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. (QUIJANO, 2005 p. 231)

Esta formulação de uma ideia de raça que definiria o papel social dos seres humanos se amalgamará à estrutura social e ao imaginário do Ocidente, sendo uma das marcas da ocidentalização e possuindo presença inegável em todas as localidades que passaram por este processo. Portanto, a estrutura colonial, em um primeiro momento, racializará os sujeitos e, desta racialização, irá os hierarquizar, de forma a alocar todos os não-brancos em representações subalternas, ao passo que os sujeitos brancos relacionados aos conquistadores europeus, até os dias de hoje, possuem uma representação que sempre é remetida ao status quo. Este processo colonial criou uma intersubjetividade no sistema-mundo centralizado no molde europeu, o que cria uma articulação entre uma identidade branca e um status positivado, ao passo que uma identidade não-branca possui uma identidade sempre negada. (QUIJANO, 2005 p. 235).

A Literatura: Conceitos fanonianos e o estereótipo de Bhabha

Para Fanon (2008) um processo criador de uma sociedade racista se apoia em dois pilares - o que o autor apresenta como um duplo processo que leva a um complexo de inferioridade - sendo estes pilares, a criação de uma inferiorização econômica, em seguida de uma epidermização dessa inferioridade (FANON, 2008 p. 28). Este duplo processo, onde repousa a diferença racial para Fanon, será visto nos que serão trabalhados abaixo. Deste modo, a necessidade da criação de uma nova ontologia que possa subverter esta hierarquização, que a rápida lapidada pelas ideias de Quijano (2005) acima nos mostrou, é uma questão das mais importantes para o autor natural da Martinica. Mas, enquanto uma sociedade se ampara nos pilares citados acima, a criação desta nova ontologia seria impossível. Cito o autor:



Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro. Claro, bem que existe o momento de “ser para-o-outro”, de que fala Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. Parece que este fato não reteve suficientemente a atenção daqueles que escreveram sobre a questão colonial. Há, na *Weltanschauung* de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que proíbe qualquer explicação ontológica. Pode-se contestar, argumentando que o mesmo pode acontecer a qualquer indivíduo, mas, na verdade, está se mascarando um problema fundamental. A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta. (FANON, 2008 p.103-104)

Deste modo, o reconhecimento do negro enquanto um igual para o Fanon se faz impossível enquanto este estiver preso em uma ontologia forjada, pelos pilares da civilização ocidental, onde os locais sociais são pré-concebidos através da epiderme dos sujeitos. Este local é fixado através do que Homi Bhabha (2005) tratou através da nomenclatura de estereótipo, e dissertou no capítulo terceiro de seu livro *O Local da Cultura*.

Para Bhabha (2005), o discurso do colonialismo, aquele que cria as bases materiais para o racismo mesmo em locais onde não há uma relação colonial – ao menos, explícita e nos moldes de outrora – se baseia no estereótipo, na construção e na reafirmação deste enquanto prática discursiva, que fixa o local social do sujeito. Ao mesmo tempo, o estereótipo é dotado de uma ambivalência. Esta ambivalência inerente ao estereótipo produz a sua força, pois tenta produzir um efeito de verdade probabilística. O autor indiano crê que o que define o discurso colonial⁷³ serão os processos de subjetivação que este efetiva e não simplesmente o que é positivado ou negativado no âmbito tanto discursivo como material. As diferenças – sexuais e raciais – serão apropriadas pelo discurso colonial para implementar uma prática de controle dos corpos. Estas especificações do discurso colonial, que reconhecem estas diferenças, mas tendem a manter em locais sociais específicos, são um aparato de poder. Sobre este aparato de poder o autor:

Pouvoir/Savoir coloca sujeitos em uma relação de poder e reconhecimento que não é parte de uma relação dialética – eu/outro, senhor/escravo – que pode então ser subvertida pela inversão. Os sujeitos são sempre colocados de forma desproporcional em oposição ou dominação através do descentramento simbólico de múltiplas relações de poder que representam o papel de apoio, assim como o alvo adversário. Torna-se difícil, então, conceber as enunciações históricas do discurso colonial sem que elas estejam

⁷³ Para efeitos deste trabalho podemos entender discurso colonial como sinônimo de discurso racista dentro de sociedades que são ex-colônias.

funcionalmente sobredeterminadas, estrategicamente elaboradas ou deslocadas pela cena inconsciente (Grifos do autor) (BHABHA, 2005 p.113)

Pretendo com isto argumentar como o não-reconhecimento e a fixação/ambivalência que o estereótipo traz consigo, funcionam como uma forma de aparato de poder e controle dos sujeitos não-brancos. Na problemática trazida neste trabalho, este mecanismo de poder tende a querer direcionar certos sujeitos a funções de status subalternos a aquelas que devem ser ocupadas por sujeitos brancos. Estas formulações, oriundos tanto de um discurso colonial como de um processo de paulatina não reconicidade do ser, funcionam através da fixação de sua identidade através de estereótipos fundamentados na tez de sua pele. Ou seja, este trabalho pretende dar elementos para se refletir como a prática institucional de uma escola funciona como aparato de poder para delimitar o papel social a ser desempenhado por alunos negros e alunos brancos no futuro e como esta delimitação influi numa reprodução da estrutura racial assimétrica.

Para explicar as implicações do que disse acima, cito uma passagem do livro de Frantz Fanon onde este percebe que o mundo onde está inserido, por mais que não seja de sua vontade, se faz um campo de batalha.

No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amar, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que me encolhesse. (FANON, 2008 p. 107)

O ambiente escolar acaba se tornando um território parecido ao campo de batalha encarado por Fanon na primeira metade do século XX na França. Nota-se isto principalmente na territorialidade na qual tenho contato direto, um ambiente escolar de escolas estaduais do estado de São Paulo. Seja como aluno destas escolas da rede estadual de ensino, nas quais cursei a partir da quinta série até o fim do ensino médio no município de Piracaia, seja como professor eventual/substituto de instituições estaduais de ensino na cidade de São Carlos.

Cenas Ilustrativas: A reflexão em forma de imagem

Este trabalho pretende se debruçar acerca de questões pertinentes a relação escolar entre discentes e docentes, baseando-se em três momentos “ilustrativos” que servem de imagens para

o vislumbre da reflexão proposta em uma discussão direta com conceitos utilizados por Frantz Fanon na obra *Pele Negra Mascaras Brancas* apresentados acima.

Malcolm X (1925 – 1965), em sua autobiografia desenvolvida com a colaboração de Alex Haley, nos conta sua trajetória, desde a infância até praticamente o final de sua vida. Separei deste livro um momento que ilustra a reflexão sobre a qual este trabalho se propõe. Um dia, Malcolm, ao estar sozinho na sala com um professor, o Sr. Ostrowski, considerado por muitos como uma espécie de “conselheiro” nato, pois este ajudava os jovens estudantes da escola a escolher sua futura carreira. Malcolm, é surpreendido pela pergunta do professor sobre qual carreira almejava, este responde que desejava ser um advogado. A resposta do professor foi a seguinte:

- Malcolm, umas das primeiras necessidades na vida para cada pessoa é ser realista. Por isso, peço que não me leve a mal. Sabe perfeitamente que todos aqui gostamos de você. Mas tem que ser realista e encarar de frente os problemas de ser um nigger. Ser advogado... isso não é um objetivo realista para um negro. Deve pensar em algo que realmente possa ser. É muito hábil com as mãos, sabe fazer as coisas. [...] Por que não planeja tornar-se um carpinteiro? Todo mundo gosta de você e tenho certeza que teria sempre muitas encomendas. (Grifado no original.) (X; HALEY, 1992. p. 45-46)

Depois deste dia, Malcolm nunca mais foi o mesmo: a sua cor de pele passou a ser determinante na sua vida e, apesar de não conseguir refletir de maneira satisfatória sobre o fato, como conta em sua autobiografia. Ao se descobrir não reconhecido em sua humanidade, Malcolm passa a sentir um grande desconforto no ambiente escolar e um menino que era considerado pelos adultos brancos como meigo de outrora passa a ser distante e visto com desconfiança por estes mesmos brancos.

A segunda cena que gostaria de expor é de uma série de TV estadunidense que fez sucesso no Brasil no final da década passada, *Todo Mundo Odeia o Chris* (Everybody Hates Chris, 2005 - 2009), a série é narrada e livremente baseada na vida do comediante americano Chris Rock. A imagem que gostaria de fazer presente na cabeça do leitor é a história de Malvo, um ex-presidiário que volta às ruas e pede a ajuda do protagonista, Chris, para voltar a estudar e entrar no segundo grau. Malvo gostaria de não voltar mais à vida do crime e põe, como metas para si, ser um enfermeiro e, quem sabe, um astronauta. Mas, contudo, quando os dois vão ao encontro da Srta. Morello, professora de Chris, esta diz as seguintes palavras a Malvo: “Malvo, com educação adequada você poderia fazer tantas coisas, você poderia ser lixeiro, motorista do carro do lixo,

recolher o lixo do carro do lixo a lista é infinita. ”⁷⁴ Neste momento, se faz necessário falar que Malvo é um homem negro. Durante toda a série, a personagem Srta. Morello, uma mulher branca, tem atitudes que poderiam ser comparadas a de certos atores políticos que se solidarizam das situações de desigualdade enfrentadas pelos negros, mas sem assumir o seu próprio racismo, nem o racismo da instituição para a qual estão a serviço.

A terceira imagem que gostaria de trazer para a discussão é algo que testemunhei quando estudava. No último ano do ensino médio, há uma certa pressão que paira no ar pela continuação dos estudos e, pelo menos em escolas públicas, os professores sabem quais são os alunos que têm chances reais de entrar em alguma universidade, pois conhecem o desempenho destes. Entretanto, seria assim que professores pautam suas ações? Em uma escola que deveria ser para todos a configuração se baseia no desempenho escolar? Passei o ensino médio praticamente com a mesma turma, alguns saíram, alguns entraram para a sala, mas esta possuía um núcleo duro bem consistente de pessoas que estudavam juntas desde o primeiro ano. As melhores alunas da sala eram a Júlia, a Tainá e a Leticia⁷⁵, todas negras. Elas realizavam todas as atividades, tiravam as melhores notas, enfim, possuíam um desempenho escolar excelente. Contudo quando os professores traziam informações sobre universidades ou focavam algum aluno para conversar tête-à-tête sobre ensino superior, o foco nunca eram estas três alunas. O foco repousava em duas alunas de desempenho escolar bem mediano e que, na maioria das vezes não prestavam atenção às aulas e estavam preocupadas com outras coisas, a Amanda e a Lidiane⁷⁶. Um detalhe importante é que ambas eram brancas, provavelmente as que possuíam a tez mais clara da sala. Os professores, enquanto outros alunos realizavam atividades, entabulavam conversas com estas alunas sobre ensino superior, algo nunca feito com as três alunas que possuíam o maior desempenho da sala. Hoje, as duas alunas brancas estão no ensino superior em uma faculdade privada em uma cidade vizinha, enquanto as outras três, não deram prosseguimento aos estudos.

Cenas Ilustrativas: O que dizem?

Estas três imagens que trouxe para a discussão pretendem evidenciar como o sistema de ensino tenta filtrar e impor a todo momento, quais serão os alunos que terão a possibilidade de

⁷⁴ Esta cena tem início a 10 minutos e 25 segundos do episódio número 17 da terceira temporada da série *Todo Mundo Odeia o Chris*. Uma versão dublada pode ser conferida em: <https://www.youtube.com/watch?v=YHpoQts9rTg>

⁷⁵ Os nomes são fictícios.

⁷⁶ Estes nomes também são fictícios.

ascender ao ensino superior. O principal argumento deste trabalho é tentar explicar através das reflexões de Frantz Fanon, como um aluno por mais que discipline seu corpo ao máximo sendo o fetiche ou sonho, como se queira nomear, de professores, não possui o apoio que a lógica nos diz que este deveria receber pelo simples fato de não ser branco e de não ser reconhecido plenamente em sua humanidade. Fanon, em sua discussão com as teses hegelianas sobre o reconhecimento, afirma: “O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece tema de sua ação.” (FANON, 2008 p. 180).

As meninas que citei acima que, mesmo docilizando os seus corpos e sendo exemplos de disciplina para os professores, não eram reconhecidas plenamente em sua humanidade. Não era por não docilizarem os seus corpos e/ou resistirem ao quantum⁷⁷ de violência positiva existente numa relação institucional. Mas irrefletidamente⁷⁸ os professores que ministravam aulas a elas julgavam que uma origem não-branca e, além do mais, a origem em uma classe social não privilegiada apenas as possibilitaria de serem ótimas alunas do ensino médio sem conseguirem acesso a instituições de ensino superior. Mesmo as melhores universidades do país sendo gratuitas e oferecendo auxílios que fazem a sobrevivência possível para aqueles de origem não abastada que ingressem no mundo universitário. O comportamento destes professores mostra o desenho de um sistema de ensino que fora moldado pelo colonialismo e o racismo. Onde, um discurso institucional de redução das desigualdades sociais anda de mãos dadas com práticas sutis de reprodução destas mesmas relações de desigualdade.

À guisa de conclusão

As três cenas apresentadas se diferenciam em seu contexto e na forma que se desenrolam, mas possuem algo em comum. Todas elas se passam no ambiente escolar, onde o professor, refletidamente ou não, intenta garantir a manutenção dos atores sociais negros envolvidos em determinado espaço da estrutura social. Seja de forma direta como fez o professor de Malcolm X,

⁷⁷ Cito uma passagem de um artigo de Júlio G. Aquino, onde este afirma que é impossível a existência de um sistema pedagógico sem a execução de uma certa violência epistemológica. “Grosso modo, poder-se-ia concluir que, de um ponto de vista institucional, não há exercício de autoridade sem o emprego de violência, e, em certa medida, não há o emprego de violência sem exercício de autoridade. Portanto e em suma, a violência como vetor constituinte das práticas institucionais teria, como um de seus dispositivos nucleares, a própria noção de autoridade, outorgada aos agentes pela clientela/público e avalizada pelos supostos “saberes” daqueles. Por essa razão, reafirmamos a convicção de que há, no contexto escolar, um quantum de violência “produtiva” embutido na relação professor-aluno, condição *sine qua non* para o funcionamento e a efetivação da instituição escolar.” (AQUINO, 1998 p. 15)

⁷⁸ Digo irrefletidamente, pois eu espero que fosse desta maneira.

seja de forma a minar as expectativas de Malvo como tentou a professora do Chris no seriado, ou mesmo de modo a optar por certos alunos para receberem estímulos e informações acerca de universidades não pelo seu desempenho escolar, mas por outros fatores como cor de pele ou classe social, assim como fizeram meus professores.

Reitero que a estrutura social de sociedades que sofreram o processo colonial são racializadas assimetricamente. A constituição de um estereótipo ou de uma imago⁷⁹ do sujeito negro, remete a um mito solidamente enraizado no imaginário inconsciente dos grupos sociais. (FANON 2008, p.133 e p. 146). O martinicano encontra no inconsciente coletivo, que é o conjunto dos preconceitos, mitos e atitudes coletivas de um grupo determinado (Ibid. p. 159), o terreno onde o estereótipo construído nos moldes coloniais apontado por Bhabha (2005) será construído e reconstruído constantemente.

As concepções fanonianas de inconsciente coletivo são caras para o argumento deste artigo assim como a construção de um estereótipo fixo, ambivalente e contraditório no imaginário social presente na obra de Bhabha (2005). Pois, ambos desvelam as estruturas que são acionadas pelos atores sociais, de forma consciente ou não, como tentativa de manter, através de formas explícitas ou sutis de segregação, uma hierarquização social baseada no fenótipo. Estas estruturas, são operacionalizadas através de um estereótipo ou de uma imago. Condições que dão o pano de fundo para que este estereótipo, ligado de forma direta a estrutura que visa estruturar a racialização assimétrica das sociedades discutidas, funcione como mecanismo de poder para delimitar, ou intentar delimitar, qual o papel social que um estudante negro deverá ter na sociedade após terminado seus estudos. Deste modo, a epiderme acabará sendo um fator de cálculo, seja este refletido ou não que professores farão sobre o futuro de seus alunos. Este cálculo baseado na tez funciona como uma engrenagem de um sistema, composto de diversas engrenagens, que tenciona por uma reprodução das mesmas condições e hierarquizações sociais constantes em sociedades racistas.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, J. G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Caderno Cedes, nº 47 Dezembro 1998. p. 7 - 19.

⁷⁹ Termo oriundo da psicanálise que Fanon (2008) utiliza em sua discussão com Jung acerca da constituição do inconsciente coletivo.

BHABHA, H. K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: _____ O Local da Cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. Cap. 3, p. 105-128.

FANON, F. Pele Negra Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. Terceira Parte: Disciplina. In: _____ Vigiar e Punir. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. p. 117-188.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

X, Malcolm; HALEY, A.. Autobiografia de Malcolm X. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.